

# JOSÉ AUGUSTO NOGUEIRA RIBEIRO

( Coronel de Infantaria )



06Jan1940 > 08Jan2017

Natural de São Gens (Fafe), completa o curso dos liceus em Guimarães e no Porto; depois inscreve-se na Universidade de Lisboa, para frequência na Faculdade de Direito.

Em Ago1962, soldado-cadete 1260/62, inicia na EPI-Mafra o curso de oficiais milicianos.

Em 07Jan1963 promovido a aspirante-a-oficial miliciano atirador de infantaria e colocado no RI13-Vila Real.

Em 11Mai63, com o posto de alferes e tendo sido mobilizado em regime de rendição individual para servir na Guiné, desembarca de um DC3 da FAP no aeroporto de Bissalanca, em plena época das chuvas, «*quente, abafada e húmida*».

Apresentado em Bissau no QG/CTIG, uma semana depois segue para o CIM-Bolama, onde dá instrução – armamento e tiro, educação moral e cívica, instrução de combate –, a um pelotão de recrutas guineenses (balantas, fulas, manjacos, papéis, nalus, felupes); em simultâneo são ministradas aulas regimentais, onde os recrutas aprendem a ler, escrever e contar.

– «*No momento próprio, com pompa e circunstância, como quaisquer soldados formados na Metrópole, era vê-los levantar o braço na direcção do Estandarte Nacional e gritar “Juro!...”*”. Depois desfilavam com garbo, com ‘manga di ronco’, perante a ‘bajuda’ (rapariga) ou a ‘nha cretcheu’ (namorada), prontos a combater “os bandido”..»

Em Ago1964...

– «*Por força das normas de rotação do pessoal, fui depois colocado em Bedanda, numa Companhia de Caçadores [4<sup>o</sup>CCacl] formada [no início de 1960] com base em naturais da Província. A povoação situava-se no sul, em chão balanta e à entrada da já então célebre Mata do Cantanhez, tido por um dos santuários do PAIGC. Populosa, tinha grande movimento comercial: cinco casas recolhiam e armazenavam o arroz e a mancarra [amendoim], e forneciam todos os artigos de necessidade, da simples agulha aos panos, ao sal, ao tabaco, às bebidas; embarcações de médio calado [barcos de cabotagem] faziam o transporte para Bissau.*

*A guarnição militar distribuía-se por três quartelamentos: a sede da subunidade (com efectivos maiores), outro junto da Administração e outro na povoação comercial. Coube-me comandar um Grupo de Combate com cerca de trinta elementos, onde predominavam os balantas; mas também havia fulas, mandingas, manjacos e três felupes (estes com quase dois metros de altura, rosto cheio de cicatrizes, dentes serrilhados); e para além de mim, quatro europeus. Tínhamos de guarnecer e defender os quartelamentos e dar segurança às populações, e apoiá-las nas suas actividades (agricultura, pesca, construção de casas, preparação das machambas, etc.). Assim, fazíamos patrulhas, protegíamos as colunas de mulheres que vinham do mato transportando à cabeça os seus balaios de arroz ou mancarra, montávamos emboscadas e desenvolvíamos outras acções de contra-guerrilha.»*

Em 16Ago64 – 1<sup>o</sup> dia da “Operação Bornal” –, ocorre o seu baptismo-de-fogo.

Pelas 04:00 daquele domingo, os pelotões das 4<sup>o</sup>CCacI/CTIG e CCac617 (adidas ao BCac619), arrancam da área de Catió com o PelCacNat comandado por João Bacar Jaló. Percorridos 10-15kms a corta-mato, numa picada são alvo de emboscada que causa os primeiros feridos aos pelotões da frente.

O alferes Nogueira Ribeiro reage prontamente e dá ordens: o primeiro-cabo balanta "21", salta para a direita e bate a zona com a sua MG42, em tiro com a arma à cintura; o primeiro-cabo europeu Vieira, aponta o seu morteiro para duzentos metros à frente da testa da coluna e bate a zona de vinte em vinte metros; e o primeiro-cabo europeu Teixeira faz fogo com o seu LGF para a esquerda, sobre a metralhadora-ligeira dos turras. A acção decidida dos três cabos permite o movimento do pelotão, que reage debaixo de fogo cerradíssimo e se lança sem medo para a frente, acaba com a emboscada e causa baixas ao inimigo, que foge em debandada.

A "Operação Bornal" prossegue por mais dois dias, depois de evacuados os feridos, quatro dos quais morrem: o caçador auxiliar Cherno Bari, «atingido nos primeiros momentos por dois tiros do inimigo, veio a falecer pouco depois», (condecorado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 3<sup>a</sup> Classe); o soldado Fernando Henrique, «revelou extraordinária bravura apesar de ser a primeira operação em que tomava parte; encontrando-se na zona em que o fogo inimigo era mais cerrado, lutou com o maior destemor até que uma bala inimiga, que o atingiu na cabeça, o abateu», (condecorado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 2<sup>a</sup> Classe); o soldado Malan Mané, «acompanhando decididamente o seu comandante de pelotão na zona em que o fogo era mais cerrado, foi atingido quando, correndo de um ferido para outro, procurava socorrê-los e dar-lhes protecção, vindo a falecer horas depois», (condecorado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 2<sup>a</sup> Classe); e o soldado-cozinheiro Mamadu Selo Jaló, «estando na zona em que o fogo era mais cerrado, lutou com grande bravura até que foi atingido simultaneamente, quer por tiros quer por uma granada-de-mão, de que veio a falecer», (condecorado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 2<sup>a</sup> Classe). Durante esse dia há mais contactos, mas de menor intensidade.

- «Numa das operações, para atingir o objectivo havia necessidade de se atravessar diversos riachos e progredir pelo interior da mata. A progressão fez-se durante a noite, para que o assalto se desenrolasse ao alvorecer. Com mais ou menos luar, extremamente carregados andámos ao longo do tarrafo, enterrados no lodo até que nos apareceu um riacho cheio que havia que transpor: a largura seria de quatro ou cinco metros e a profundidade cobria um homem de altura mediana; quando chegou a minha vez lancei-me mas, devido ao cansaço e ao peso que transportava, quase fui ao fundo. Quem me auxiliou foi o '38', um soldado felupe com quase dois metros de altura: "nosso alferes não pode morrer, senão nosso fica órfão".

Na operação que teve como nome de código Tubarão, mais uma vez o deslocamento foi nocturno. Ora guiados pelos naturais ora recorrendo à carta topográfica e à bússola, com todos os cuidados de segurança, evitando ruídos e brilhos fomo-nos aproximando do objectivo. Atingimo-lo ainda sem luz do dia e ocupámos as nossas posições, nos diques das bolanhas com água até à cintura; aguardámos que clareasse um pouco mais e, logo que foi possível divisar o objectivo, iniciou-se o ataque com fogo de apoio para de seguida ter lugar o assalto. Talvez por se ter apercebido da nossa presença, o inimigo não reagiu; não havia indícios da sua existência e iniciámos o movimento com todas as precauções. A cerca de 150 metros do objectivo, o inimigo abriu fogo de armas ligeiras e pesadas, com tanta intensidade e violência que impediu a continuação da nossa acção: abrigado nas ruínas das casas acabadas de destruir e em árvores que dominavam a nossa posição, protegido e agarrado ao terreno que bem conhecia, tinha vantagem sobre as nossas tropas. Pedimos apoio aéreo mas as condições climáticas não o permitiam; recebi ordens para atacar de frente, o meu grupo lançou-se ao assalto com decisão e os turras abandonaram a posição, deixando alguns feridos e armas; tratámos os feridos, recolhemos as armas e retomámos a progressão em direcção ao objectivo, ao qual se passou busca sendo depois destruído.

*No regresso a 'casa' era costume aproveitar para recuperar algum gado, que depois era entregue à Administração ou abatido para alimentação da população e/ou do pessoal da Companhia. Perto de uma povoação avistámos cerca de vinte vacas e o pelotão-testa pediu autorização para se desviar, evitando uma grande clareira de maneira a ir recolher o gado. Reparei que estas estavam demasiado juntas e demasiado quietas, parecendo fixas ao terreno: "Cuidado! Atenção, olha que as vacas estão presas!"; com este alerta impediu-se que o grupo da frente caísse numa emboscada mortal. Não trouxemos as vacas e não houve mais incidentes no regresso; passados uns meses confirmou-se que as vacas eram o isco de uma armadilha.»*

Em 26Mar65 louvado por acções em combate e agraciado com o Prémio Governador da Guiné. E em 29Mai65 agraciado com uma Cruz de Guerra de 2ª Classe.

Em 15Mai1966 regressa à Metrópole com a Medalha Comemorativa das Campanhas da Guiné; e ingressa no QC de Infantaria.

*- «Nos cerca de três anos que servi naquela Companhia, o meu Grupo de Combate [Vampiros] tomou parte em muitas dezenas de acções, na sua maioria em contacto com o inimigo. Em combate não existem postos, não há cor, as fraquezas são superadas por outros, prontos a ajudar, consolida-se o espírito de grupo, descobre-se a fraternidade, a solidariedade, a igualdade. O PAIGC constituiu sempre um adversário agressivo e bem preparado, que desencadeava as suas acções de forma bem planeada e a todo o momento evoluía, não só no equipamento e armamento mas ainda na forma de actuação: aplicava o "bate-e-foge" com todo o rigor.»*

Em 03Jun1967 com o posto de tenente miliciano, embarca em Lisboa no navio "Império" (em viagem comercial para a África Portuguesa), com cerca de uma centena de oficiais, sargentos e praças, em regime de rendições individuais.

*- «Durante a viagem pôs-se em dia a leitura: livros de Jean Lartéguy (Os Boinas Verdes, os Centuriões...), publicações sobre contra-guerrilha. Seguíamos, no placard das notícias, a ofensiva israelita contra o Egipto, a Jordânia e a Síria, bem como o noticiário sobre a guerra do Vietnam. Ao fim de três dias de viagem, a maravilhosa paisagem do Funchal; depois, oito dias até São Tomé. O "Império" levanta ferro rumo a Luanda, Lobito, Moçâmedes; não senti a passagem do Cabo das Tormentas e na Cidade do Cabo apercebi-me dos problemas do 'apartheid'. Passados três dias alcançámos Lourenço Marques, depois a cidade da Beira e a Ilha de Moçambique; depois Nacala e por fim as águas límpidas de Porto Amélia [sede do BCac14/RMM], capital do distrito de Cabo Delgado onde terminei a viagem no "Império" no dia 1 de Julho. Num 'teco-teco' voei até Mocimboa da Praia e daqui mais para norte, a uns 50km de Quionga, perto do rio Rovuma na fronteira com a Tanzânia. Palma era uma pequena vila, com bastante população de cor: comércio próspero, diversos estabelecimentos (propriedade de africanos, europeus e goeses), herdades de coqueiros a perder de vista, cajueiros, grandes extensões de mandioca, pesca, apanha de algas (havia uma equipa francesa a desenvolver esta actividade a partir da Ilha do Ibo).»*

O comandante da CCac-MP (2ª/BCac14) destina-lhe o comando de um pelotão, no qual a maioria são brancos nascidos em Moçambique, e os restantes negros. O subsector atribuído é muito extenso e obriga a deslocações de centenas de quilómetros: patrulhas de reconhecimento e segurança aos aldeamentos junto do Rovuma, permanecendo nas aldeias em períodos até duas semanas com pesquisa de informações e segurança nas imediações; o seu pelotão é geralmente acompanhado por um médico ou enfermeiro, que prestam cuidados de saúde às populações; e os militares colaboram com os nativos em trabalhos que vão desde a agricultura (introdução de culturas europeias), até à construção de casas (abate de árvores e transporte de materiais e de água, para a feitura do adobe).

As aldeias perto do Rovuma, distam da sede da CCacMP uma centena de quilómetros ou mais. Têm normalmente uma pequena força de cipaios, uma espécie de polícia da Administração, enquadrados por um ou mais europeus da Guarda Fiscal. Pela proximidade da fronteira estas povoações estão à mercê de ataques de morteiro da FRELIMO, e mesmo de tiros de armas ligeiras e pesadas que visam criar instabilidade; além do que há raptos de pessoas e roubo de bens, especialmente gado.

Em meados de Jul1967 chega ao comando do Batalhão de Porto Amélia, a informação de que uma base da FRELIMO está implantada no subsector de Palma ou nos seus limites: o comandante da CCacMP planeia a "Operação Vingança".

Em 24Jul1967 três grupos de combate são transportados de Palma em viaturas que, duas horas depois, regressam à sede e deixam o pessoal apeado com todo o equipamento, armamento, munições e rações de combate para cinco dias:

*- «Não tínhamos informações concretas e a tática era ir avançando, com pontuadas em várias direcções, tentando primeiro recortar a informação e se possível capturar alguém, que depois nos conduzisse ao local certo. Penetrámos no mato em busca do acampamento inimigo e ao aproximar-se a noite fizemos um grande alto, montaram-se emboscadas na periferia, e um grupo de combate preparou-se para desencadear um golpe-de-mão a um objectivo indicado por um guia nativo. Todos os acampamentos encontrados, com mais ou menos resistência, armados ou não, constituíam a cintura de segurança das verdadeiras bases de guerrilheiros. Numa dessas acções foram detidos dois homens e, conduzidos por um deles, ao fim de dois dias [26Jul67] esbarrámos com dois elementos inimigos armados, que de imediato reagiram com fogo: quando um deles se preparava para lançar uma granada-de-mão sobre as nossas tropas, o soldado 243 de etnia macua [Dinis Guilherme, nascido em Maganja da Costa], abateu-o com uma rajada de G3: evitou o lançamento da granada mas caiu atingido pelo outro inimigo, que também foi abatido. Ao cair da noite, gravemente ferido e sem que fosse possível evacuá-lo, morreu o Dinis; passámos a noite junto do corpo de mais este camarada que sacrificou a vida em prol do grupo. Foi evacuado no dia seguinte [27Jul67].*

*Tínhamos a noção de que a base estaria perto; continuámos a progressão, ora a corta-mato ora por trilhos, tendo sempre em atenção que as minas e as armadilhas eram muito habituais naquela região e com aquele inimigo. Percorriámos um trilho que penetrava na mata e à minha frente ia o guia prisioneiro e o soldado que o guardava: de repente, os pássaros deixaram de se ouvir, cessaram todos os ruídos e pairou um silêncio sepulcral; pressentindo, gritei "emboscada!" e ao mesmo tempo, ou antes ou após o meu grito - sei lá -, desencadeou-se tal poder de fogo, frontal e lateralmente, que pareceu o mundo acabar naquele momento. Reagimos com fogo e ocupámos posições de maior segurança, pelo que o inimigo não conseguiu o efeito desejado: retirou, deixando armamento e equipamento vário; um tiro de RPG rebentou atrás de mim, a meia altura de uma árvore e dei por mim meia dúzia de metros de lado, protegido apenas por uma arvorezinha; um camarada meu foi ferido com gravidade e teve de ser evacuado, e eu próprio fui ferido na cabeça mas continuei até ao final da operação. Encontrávamo-nos à entrada da base e destruimo-la. Exaustos, cobertos de lama e desfigurados, chegámos ao local de recolha pelas viaturas: tínhamos andado 150km, queríamos apenas estendermo-nos ao comprido e dormir dois ou três dias seguidos sem que ninguém viesse incomodar.»*

*- «O comandante do batalhão [BCac2831] a que eu pertencia, velho militar que combatera na Guerra da Espanha [nos "Viriatos" da Legião Portuguesa] e conhecedor profundo da guerra subversiva - "vendo mais com um olho fechado que todos os outros com os dois abertos" -, convidou-me para a sede do batalhão em Mocimboa da Praia: a ideia era organizar e treinar um grupo que depois pudesse actuar sem chinesices administrativas, uma espécie de 'comandos do batalhão'; o treino era da nossa inteira responsabilidade e o sucesso dependeria de nós. Solicitei que às cinco companhias do batalhão se pedisse qualquer coisa como "voluntários para um serviço especial de natureza perigosa".*

*A adesão foi a ponto de termos de excluir pessoal; europeus e africanos, homens vindos de todos os meios, já habituados a sofrer a dureza do combate; foi fácil inculcar-lhes espírito de grupo, coesão e uma mentalidade de vencedores.*

*Uma das missões foi garantir a segurança de uma subunidade de engenharia [CEng2393], que tinha de reabrir a Estrada 243 conhecida por "Estrada das Oliveiras", que ligava Porto Amélia a Mueda por Diaca: servia mais populações, era um caminho alternativo para Mueda e permitia alcançar o coração de Cabo Delgado com mais rapidez; era uma espécie de auto-estrada de terra batida e excelente obra, mas encontrava-se danificada, com pontes e pontões destruídos. Montou-se uma base temporária [perto do Sagal num destacamento da CArt2371], onde ao fim do dia se recolhiam as máquinas (os Caterpillar, os Bulldozer, os D6C e D7, etc.); não ignorávamos que se estava a trabalhar no centro de várias bases de guerrilheiros.»*

*- «Uma tarde [28Out1968], depois do regresso das equipas [de construção do troço entre a Ponte do Rio Muera e Nungo], decorria por pelotões a distribuição da terceira refeição quando, de repente, o inimigo ataca: rebentamentos em todas as direcções, autênticos trovões, correria a caminho dos abrigos; num curto intervalo de tempo o inimigo introduziu cerca de quarenta granadas de morteiro no acampamento; ripostámos imediatamente com todo o poder de fogo disponível e o ataque cessou. Para além das baixas de alguma gravidade [mortos dois soldados da CArt e um cabo da CEng], o inimigo conseguiu tornar inoperacionais a maioria das viaturas com estilhaços nos pneus, bem como os frigoríficos a petróleo que, naquele clima, por vezes faziam mais falta que cartuchos de 7.62mm! Contra ataques deste género, com tiro curvo, a nossa defesa era quase nula. Já contra armas de tiro tenso, ligeiras ou pesadas, estávamos a coberto pois a base encontrava-se rodeada por muros de terra com grande espessura; o inimigo não nos incomodou mais até ao final da missão.»*

*- «Ao longo de dezoito meses, actuámos em dezenas de largadas, umas vezes por viaturas e outras por meios aéreos; percorremos muitas centenas de quilómetros, muitas noites sem dormir, progressões extenuantes, emboscadas, golpes-de-mão, encontros com os guerrilheiros da Frelimo, protecções a colunas de civis, abertura e limpeza de estradas, captura de armamento. Lembro os que palmilharam comigo quilómetros e quilómetros, os que lutaram e os que caíram - contra aquele adversário que, depois de capturado, partilhava a nossa ração de reserva, bebia do nosso cantil e fumava connosco um cigarrito.»*

Em 17Ago1969 regressa à Metrópole com a Medalha Comemorativa das Campanhas de Moçambique; e fica colocado no RI5-Caldas da Rainha.

Em 02Set69 recebe um louvor do comandante da RMM:

*- «Louvado o tenente miliciano José Augusto Nogueira Ribeiro, porque, na zona de intervenção norte da província de Moçambique, ao ser-lhe entregue um agrupamento de combate constituído por elementos de todas as companhias de um subsector particularmente difícil, se houve de forma distinta, voluntariosa e eficiente.*

*Oficial com serena energia, coragem e sangue-frio em face das acções de fogo do adversário que várias vezes enfrentou, conseguiu, com a sua marcante acção em todas as operações, que comandou, sempre no próprio terreno da luta, tornar em pouco tempo um conjunto de elementos dispersos, num pequeno agrupamento que foi uma subunidade de intervenção de inestimável valor no subsector a que pertencia. Planeando e comandando as operações do seu agrupamento com inteligência, sentido táctico e perfeito conhecimento de contraguerrilha, conduziu-o sempre sem nenhuma baixa e com sucesso nas operações "Primeira Op", "Relâmpago", "Vespa", "Vespa 3", "Vespa 4", "Vulcão 1ª e 2ª fase", e "Pontuada".*

*Nas mesmas operações e no curto prazo de três meses, infligiu ao adversário várias baixas, capturou numerosos prisioneiros, apreendeu diverso armamento e destruiu-lhe inúmeros meios de vida.*

*O tenente miliciano Nogueira Ribeiro demonstrou ainda, em todas as acções em que se empenhou, uma grande probidade profissional, chegando a criar, pelas qualidades já expostas e ainda pela sua calma e ponderação, um clima quase lendário que incutia cega confiança aos seus homens e mesmo aos superiores que o comandavam.*

*Considero assim o tenente miliciano Nogueira Ribeiro um oficial de muito valor, cujos serviços à Região Militar de Moçambique devem ser considerados dignos de merecida recompensa.»*

Em 17Nov1969 agraciado com uma Cruz de Guerra de 4ª Classe, por feitos em combate no teatro-de-operações de Moçambique.

Em 15Abr1970 agraciado com a segunda Cruz de Guerra de 4ª Classe, igualmente por distintos feitos em combate no nordeste da Província Ultramarina de Moçambique.

Em 10Jul1970 agraciado com o Oficialato da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, por feitos em combate nos teatros de operações da Guiné e de Moçambique.

Em 21Jul73, encontrando-se colocado no RI12-Coimbra, promovido a capitão.

Em 15Out1973, tendo sido mobilizado em regime de rendição individual para servir em Angola, desembarca em Luanda.

*- «Após alguns anos de permanência na Metrópole passando por várias unidades militares, sou colocado no RI20, inicialmente no comando de uma companhia de recrutas constituída maioritariamente por elementos de côr: também lá pude testemunhar o grande empenho e determinação em aprender tudo quanto os quadros transmitiam, da técnica de combate à instrução cívica; também então vi os novos soldados, ufanos de o ser, selando o seu compromisso no dia do Juramento de Bandeira, com o significado do momento bem patente naqueles rostos cor de ébano.*

*Uma das minhas tarefas era comandar o MVL [Movimento de Viaturas e Logística]: em traços gerais havia que proteger uma coluna semanal de reabastecimento de víveres destinados ao interior, com viaturas civis na sua maioria e algumas viaturas militares, de transporte e blindadas [AML] que iam intercaladas: no total entre cem a duzentas viaturas de todo o tipo, às vezes mais. Movimentavam-se afastadas umas das outras entre 25 e 50 metros, dependia das condições do terreno e da visibilidade das picadas: percorríamos distâncias de 200 kms ou mais, por caminhos que na época das chuvas eram autênticos martírios, e por vezes atravessávamos zonas em que o inimigo se movimentava com maior facilidade; era uma missão desgastante, de vários dias de duração e grande responsabilidade, e o comando era dificultado pelo facto de se tratar sobretudo de viaturas e condutores civis, por vezes ansiosos por chegar primeiro com as mercadorias, aos quais havia que transmitir uma disciplina de movimentos.»*

*- «Com o advento do 25 de Abril de 1974 e a nova ordem política, entra-se em Angola num período de desordens, desmandos e atritos sociais: a euforia descontrolada das populações, a ânsia dos ML's em assumir o poder sem que para tal estivessem preparados; forças portuguesas aqui e acolá interessadas em regressar à Metrópole, embora conscientes [?] da sua função de árbitro e fiel de balança entre os partidos independentistas. Inicia-se o processo de retirada das forças de quadrícula do Exército Português: abandonam-se as posições no terreno, deslocam-se as forças para Luanda e daqui para a Metrópole; simultaneamente os ML's vão ocupando os nossos anteriores quartelamentos. Viviam-se momentos de grande tensão entre os movimentos e as nossas tropas, qualquer faísca podia atear um grande incêndio.»*

Em Ago1974 ingressa no QEO de Infantaria.

- «Uma das missões da CCac foi patrulhar os bairros da cidade de Luanda, visando impedir confrontos e roubos, perseguições raptos e violações que iam acontecendo no dia-a-dia. As Forças Armadas Portuguesas eram uma espécie de bola de ping-pong, com os movimentos e a população de côr de um lado, e a população branca do outro. Noite e dia, em serviços de 24 horas esgotantes, havia rotina e havia que acorrer a pedidos de auxílio a situações de maiores anomalias. Num período tão conturbado tentávamos garantir a segurança de pessoas e bens, impor a disciplina, a lei e a ordem. Apesar de todos estes acontecimentos, foi em Angola que verifiquei com mais propriedade o bom inter-relacionamento de brancos e negros, onde senti mais arreigado o sentido multirracial português. Em determinado momento [Jun75] recebe-se informação de que uma subunidade, ao pretender deslocar-se [de Quicabo?] para Luanda, fôra impedida por forças do MPLA: o confronto era eminente e foi-me cometida a tarefa de desbloquear a situação; foi contactado o elo de ligação MPLA/MFA, para nomear alguém da parte do MPLA com autoridade e instruções para procurar uma solução. O oficial de ligação era um homem vaidoso, com ares de conquistador e aparentando pouco senso: tive de lembrar-lhe que ainda era Portugal que administrava Angola e voámos juntos num helicóptero Puma [SA-330] para o local do incidente, onde as duas forças se mantinham frente-a-frente, olhando-se nos olhos e aguardando o primeiro disparo. Transmiti ao comandante da companhia as directivas que levava, enquanto o oficial do MPLA se reunia como seu pessoal; apesar de tudo, contribuiu para solucionar a questão. Após momentos que pareciam intermináveis, respirou-se finalmente de alívio e deixaram de impedir a passagem das nossas tropas. Este tipo de incidentes não era de estranhar pois havia grande falta de ligação entre os diversos canais de comando, faltavam directivas e os problemas iam-se solucionando por impulsos e ao sabor do bom-senso de cada comandante. O daquela companhia portuguesa assumira na plenitude e na verdadeira acepção da palavra o ser “comandante”: sabia que responsabilidades tinha para com os seus subordinados, obedecia à hierarquia e à cadeia de comando, não recebia determinações de um ‘movimento’, ainda que legalizado [?] e comandado naquela circunstância por alguém a quem o poder subira à cabeça.»

Em 31Jul1975 regressado definitivamente à Metrópole, fica colocado no BC7-Guarda.

Em 1979 transferido para o BIM da 1ª Brigada Mista Independente, em Santa Margarida da Coutada.

Em 1983 promovido a major, por distinção.

Em 1990 com o posto de tenente-coronel, cessa funções na 1ªBMI-Santa Margarida.

Em 1993-95 comandante da Guarda Fiscal.

Além dos louvores e condecorações referidas, possui as seguintes:

- Cavaleiro da Ordem de Avis;
- Medalhas de Mérito Militar de 3ª e 2ª Classes;
- Medalha de Prata de Comportamento Exemplar;
- e de um total de 22 louvores, doze por feitos em combate (duas vezes ferido sem gravidade).

---

fontes:

- Ordens do Exército;
- RHMCA;
- ‘Os Últimos Guerreiros do Império’;
- arquivo pessoal do autor.